

**Psicanálise e meio ambiente: Um ensaio sobre a crise ambiental  
a partir da relação do *Eu* com o mundo externo**

*Fábio Adriano de Queiroz*<sup>1</sup>

*Manoel Deusdedit Júnior*<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente artigo é uma revisão bibliográfica, onde se realizou um estudo sobre a atual crise ambiental à luz da psicanálise freudiana, com foco na relação do *Eu* com o mundo externo. Para isso, foi necessário um breve levantamento histórico das diversas conferências internacionais sobre o clima, dos programas e projetos políticos de redução dos danos causados pela ação humana e da organização dos movimentos sociais em defesa do planeta. Posto isso, busca-se aqui realizar uma análise psicanalítica acerca da relação do *Eu* com o mundo externo, para além da relação do princípio do prazer no contexto da emergente consciência ambiental.

**Palavras-chave:** *Eu*; Meio Ambiente; Psicanálise.

**Psychoanalysis and the environment: An essay on the environmental crisis  
from the relationship between the Self and the external world**

**Abstract**

This article is a bibliographic review where a study was carried out on the current environmental crisis in the light of Freudian psychoanalysis, focusing on the relationship between the Self and the external world. This required a brief historical survey of the various international climate conferences, political programs and projects to reduce the damage caused by human action and the organization of social movements in defense of the planet. That said, we seek here to carry out a psychoanalytic analysis about the relationship between the Self and the external world, in addition to the relationship between the pleasure principle in the context of the emerging environmental awareness.

**Keywords:** Self; Environment; Psychoanalysis.

---

<sup>1,2</sup> Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte/MG, Brasil

A crise ambiental instaurada na modernidade se manifesta, no século XXI, por meio de sinais ameaçadores e crescentes para todos os que habitam o planeta. Ela é resultante da apropriação e codificação econômica dos recursos naturais e consequente agravamento das desigualdades sociais e conflitos nos quatro cantos do mundo.

Na atualidade, a temática ambiental vem sendo discutida a partir da emergência de grupos plurais, até mesmo antagônicos e contraditórios, que diluem a possibilidade de agrupamento em torno de reivindicações comuns e de construção de políticas assertivas, refletindo, de fato, numa consciência a nível global unificada e com propostas ligadas a um desenvolvimento no âmbito da sustentabilidade. Afinal, de acordo com Leff (2009, p. 11), a “sustentabilidade é o que se configura dentro de uma nova racionalidade social e produtiva”.

### **O contexto da consciência ambiental**

Desde a Conferência de Estocolmo de 1972 à Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental em 1977, passando pela Rio-92 até a Rio+10 em 2002, Rio+20 em 2012, e a Cúpula de Desenvolvimento Sustentável em 2015, todas essas conferências estipularam acordos para a resolução da alarmante crise ambiental, o que também implicou pensar, conforme exposto por Enrique Leff, numa “crise de civilização” (Leff, 2003, p. 16) intimamente ligada aos valores de ordem tanto cultural quanto filosófica, política e econômica. A crise ambiental não se refere apenas às catástrofes ambientais, mas à perda do sentido da existência do ser, devido ao uso inescrupuloso do conhecimento, desde o advento da modernidade, para se apropriar dos recursos naturais de forma predatória.

Nessa perspectiva, presenciam-se específicos grupos de pessoas que reclamam seu desejo e seu direito de participarem nos processos de tomada de decisão que afetam as condições e a qualidade de vida de todos os seres vivos. Surgem lideranças mobilizadoras e movimentos ambientais almejando novas utopias, apoiadas em princípios colocados à margem pela racionalidade econômica dominante. Diante do desenfreado processo de desenvolvimento econômico, os movimentos populares estão abraçando novos valores e questionando a ordem estabelecida.

Cabe destacar que sempre houve um desequilíbrio no relacionamento entre o ser humano e o meio ambiente, e não é na contemporaneidade que o lucro e o poder se irrompem de forma ino-

vadora e estipulando suas regras de extração de recursos para alimentar o mercado. Relembrando Bauman (2003), o sistema capitalista também é alimentado pelo hedonismo, o consumismo, a virtualidade, a moda, o tecnológico, o farmacológico, o cientificismo, o efêmero e a rapidez e fluidez das relações humanas.

A modernidade, com seu pensamento técnico-científico e sua racionalidade econômica, instrumentalizou o ser humano para o processo de transformação de tudo em mercadoria e valores de satisfação instantânea, até a ele mesmo. Nesse sentido, o atual cenário coloca em xeque - em virtude dos sintomas provocados pela modernidade com sua racionalidade econômica - a histórica relação do ser humano com o planeta.

Mesmo diante do nascer de uma consciência ambiental em nível global e da elaboração de propostas na perspectiva da sustentabilidade, o planeta ainda é tratado como fonte de riqueza inesgotável, cujos efeitos têm se mostrado irreversíveis. Tal realidade tem convocado as diversas áreas do conhecimento a compreenderem a relação sem limites entre ser humano e meio ambiente.

Verifica-se que a crise ambiental tem como elemento fundamental a relação entre ser humano e natureza. A ausência de equilíbrio neste relacionamento acabou resultando, de forma contraditória, na resignificação do olhar sobre o mundo e na organização social de determinados grupos interessados na questão, que envolve a vida de todos os seres vivos.

### **Considerações sobre o *Eu* e sua relação com o mundo externo**

Segundo Freud (1923/1996), o *Eu* é o mediador da conflituosa relação entre *Isso* e *Supereu*. Encontra-se numa posição de defesa frente às experiências desconfortáveis que colocam em risco a suposta inteireza da identidade do sujeito. Nesse sentido, o *Eu* circunscreve-se como o resultado conflitivo do *Isso* e do *Supereu*, sempre em contato com o mundo externo, adaptando-o e se adaptando em função de suas exigências narcísicas e das reivindicações do *Isso* e do *Supereu* (Freud, 1914/1996).

A formação do *Eu* passa pela experiência do narcisismo, inicialmente o narcisismo primário ligado à criança, organizado a partir do investimento de sua libido em si mesmo; em seguida tem-se o narcisismo secundário, cujo processo dinâmico é pautado no investimento de energia libidinal num objeto que absorve essa mesma energia e a retorna ao próprio *Eu* (Freud, 1914/1996). Considerando suas diferenças, de modo geral, o narcisismo é reconhecido como uma

constância na vida humana durante seu desenvolvimento. Ademais, sua atividade é caracterizada pela identificação do *Eu* aos objetos que preservam a organização de suas pulsões e conservam sua libido, de tal forma que o *Eu* seja seu próprio objeto de amor por intermédio de um objeto externo e, por conseguinte, esse mesmo objeto seja totalmente esvaziado de energia libidinal (Freud, 1914/1996). O narcisismo consiste no processo de identificação de objetos que se prestam apenas a satisfazer o *Eu* (Freud, 1914/1996). Assim como espelhos, os objetos refletem aquilo que o desejo do *Eu* idealiza - com participação do *Supereu* - receber de volta. O *Supereu* tem uma função significativa nesse processo, pois representa a lei aplicada e sua função é interditar os desejos, privando-os de assumirem o controle da consciência; mais ainda, o *Supereu* é uma instância de poder proveniente das duas principais fases do complexo de Édipo: interdição dos desejos pela figura do pai e a transformação desses investimentos em identificação e interiorização dessas leis.

A atuação do *Supereu* perpassa também a via do *Ics*, claramente visto nos bloqueios, nos esquecimentos e até no sentimento de culpa causado pelo desejo (Freud, 1915/1996). Assim, há uma relação do *Supereu* com o desejo, na medida em que o legitima ou o julga, caso não se enquadre num conjunto de regras e condutas (Freud, 1923/1996).

É no desejo que o conflito psíquico se instaura, pois se trata de um movimento em direção ao objeto, não necessariamente físico, mas simbólico; de uma vontade pulsional ligada ao *Ics* e condicionada pelo *Supereu*, em conflito com uma realidade (Freud, 1923/1996). O desejo refere-se “...às primeiras vivências de satisfação” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 113) evocadas no presente, em razão da ligação entre a necessidade e “imagem mnésica de uma certa percepção” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 114) figurada no *Ics* e reinvestida, de tal maneira que busca retomar a satisfação experienciada no passado (Freud, 1914/1996).

A dinâmica do narcisismo se estrutura em função do desejo, e essa mesma dinâmica está para além do terreno sexual; ela se expande para a relação com o mundo externo com intensão de autopreservação do *Eu*, tendo como fim a satisfação prazerosa. Assim, a personalidade narcísica direciona energia para aquilo que lhe proporciona prazer e sempre estará a absorver e estancar a libido investida no objeto com a qual se identifica para a unificação do seu *Eu* (Freud, 1914/1996).

O narcisismo está diretamente ligado a duas categorias fundamentais de pulsões: de vida e de morte. As pulsões de vida buscam a conservação do *Eu* e a preservação das pulsões sexuais, além da unidade e relação de amor com o outro e o mundo. As pulsões de morte são as relações ligadas a si, ao outro e ao mundo exterior pautadas na repetição de ações (Freud, 1920/1996). Trata-se dos atos que levam o ser humano a “retornar ao estado anorgânico” (Laplanche & Pontalis,

2001, p. 408). As pulsões de morte se apresentam envolvidas em estados de satisfação de forma muito silenciosa, e não como uma marcha estrondosa e escancarada da destruição. Todavia, em seu cerne central há a marcante tendência do *Eu* voltar-se para seu estado anterior, caracterizado pelo narcisismo primário, momento em que o *Eu* se torna seu próprio ideal de gozo (Freud, 1914/1996). Mais ainda, enquanto força desagregadora, as pulsões de morte concebem o mundo como o palco de tensões, cuja única maneira de suprimir as experiências desagradáveis é a recondução do ser humano a um estado inorgânico (Freud, 1920/1996). Conforme o narcisismo secundário, na medida em que o *Eu* investe no mundo externo, ele busca uma recompensa satisfatória, engendrando características próprias a sua identidade mutável e constantemente ressignificada; todavia, esse investimento pode se voltar para as pulsões de vida ou de morte.

O narcisismo ligado às pulsões de morte é marcado pela ausência de investimento libidinal nos objetos e, na contramão do processo, investimento apenas em si mesmo, acarretando graves problemas nas relações com o outro e com o mundo externo (Freud, 1920/1996). Trata-se de um retraimento intimamente atrelado a um sofrimento do *Eu* em seu mundo. Acontece que, quando o *Eu* não estabelece ligação simbólica com o objeto, a pulsão de morte se fixa e, uma vez que o objeto não cumpre sua função de reflexo do ideal do ego, há então um bloqueio que interromperá a satisfação do *Eu* acarretando angústias, mal-estar, dependências e ausência de sentido (Freud, 1920/1996). A formação do *Eu* depende do ideal de ego; mais ainda, a transição do narcisismo primário para o secundário ocorre mediante o desenvolvimento do *Eu* nas suas relações com o mundo (Freud, 1914/1996). Assim, é fundamental para o *Eu* alcançar objetivos ligados à cultura, às relações afetivas e tudo que envolve relações simbólicas com o mundo externo.

Nesse sentido, uma vez constituído, o *Eu* pode direcionar sua libido para si mesmo em razão da presença de elementos psíquicos característicos do narcisismo primário, mas também para objetos que exercerão a função de espelhos, que refletirão energia libidinal ao *Eu*, resultante do ideal mediado pelas experiências com o outro e com o mundo. Cabe destacar que o direcionamento da libido será motivado pela economia do prazer e desprazer, tendo como base a experiência narcísica (Freud, 1914/1996).

O *Eu*, no âmbito do narcisismo, dialoga com os estímulos do mundo externo, ora de forma passiva frente ao que lhe proporciona prazer, ora de maneira defensiva frente às situações desprazerosas. Assim, possui um caráter identificatório narcisista, tanto com aquilo que lhe atende, quanto com algo a ser repudiado (Freud, 1914/1996). Ademais, seu governo consiste no domínio sobre os desejos do *Isso* e na defesa de suas ameaças pulsionais (Freud, 1930/2011). Sobretudo, o

*Eu* é a unidade de resolução das tensões entre o *Isso* e o *Supereu*, tendo como termômetro a economia do prazer e desprazer.

É devidamente correto afirmar que o *Eu* se encontra em permanente conflito, de um lado, sob a pressão exercida pelo *Isso*, do outro, sob a constante tentativa de adequação às exigências do *Supereu* (Freud, 1930/2011). Ademais, o *Eu*, além da tarefa de elaboração narcísica de novas configurações sobre si, se encarrega do processo de estruturação de sentido conferido a si mesmo, dialogado com situações do contexto, tendo como mola propulsora as pulsões ligadas à busca pela satisfação de seus desejos (Freud, 1930/2011).

Além dos fatores de prazer e desprazer presentes na experiência narcísica do indivíduo, há um conjunto de regras de comportamento e organização social muito bem defendido pelo *Supereu* e que investe o *Eu* de regras morais, ideais de poder e censura de comportamentos pela via do *Ics* (Laplanche & Pontalis, 2001). Nesse sentido, um sistema que trabalha com a economia do prazer e desprazer, para manter-se preservado, necessita criar, por meio das vozes do *Supereu*, ideais de realização humana e censuras às classificadas distorções desses ideais; paradoxalmente, insatisfações que reforcem mais ainda a busca por esses ideais - a altos custos para o meio ambiente - e atender a essa penúria por meio de uma solução para o desprazer instaurado, não de maneira definitiva, mas temporária, efêmera, fugaz e instantânea, para que o ciclo de busca de solução dessas carestias não seja esgotado e o sistema mantenha-se sempre revigorado e intacto.

Nessa perspectiva, quando as leis de restrição às queimadas, ao uso de sacolas plásticas ou à queima de combustíveis fósseis são implementadas, ocorrem aí duas manipulações desse conteúdo que são conflitantes e colocam o *Eu* numa crise entre as forças legitimadas pelo discurso da continuidade e aquelas ligadas às imposições de uma realidade adoecida que convida à ressignificação e construção de novas relações geradoras de vida.

Mais ainda, estamos diante de um contexto que coloca o *Eu* perante a escolha de continuar a atender suas necessidades internas por meio dos tradicionais processos de extração das fontes externas ou de corresponder às suas necessidades internas cuidando de si mesmo, no âmbito das relações com todos os seres bióticos e abióticos. Essa mudança lembra a pulsão de vida, porque possibilita os meios de preservação do próprio *Eu* e do planeta. Paradoxalmente, a desordem gerada pela pulsão de morte tem proporcionado a muitos - principalmente ligados aos movimentos sociais e ambientais - experiências fomentadoras de novas formas de relação numa dinâmica para fora do ciclo repetitivo. Cabe lembrar - como já exposto anteriormente - que pulsão de vida e

pulsão de morte caminham juntas e ambas geram tensões sobre o *Eu*, de tal maneira que a característica da tensão exercida é reveladora de uma dessas pulsões (Freud, 1923/1996).

Essa realidade lembra Garcia-Roza (2001), em sua análise sobre o *Ics*, ao tratar as experiências individuais no âmbito da economia do prazer e desprazer e o processamento mental das mesmas pelo *Supereu*. Enquanto a pulsão de morte tem um caráter repetitivo e autorizado pelo *Supereu*, a pulsão de vida se volta para a construção de uma nova relação do *Eu* consigo mesmo, com o outro e com o mundo externo e entra em choque com o *Supereu*. A energia direcionada à satisfação interna por meio da degradação externa, em razão das negativas consequências para além do prazer, pode ser transformada em energia para a vida, caso o *Eu* realize experiências que afetem o *Ics* e potencializem o *Eu* para uma ressignificação de sua relação com o planeta, de tal maneira que novos saberes - preferencialmente simbólicos - emergjam dessa experiência. Pois, como afirma Freud (1923/1996), na consciência nada é durável, porque ela é movida pelas diversas excitações que se alteram e sua função é prevenir o *Eu* das experiências de desprazer; mas, uma vez que algo afete o *Ics*, novas elaborações podem insurgir frente à realidade atual. É provavelmente essa experiência que muitos militantes engajados em movimentos ambientais tenham sentido e transformado sua forma de atuação no mundo.

### **O dilema contemporâneo da Satisfação X Preservação ambiental**

A modernidade instaurou um modelo de organização muito bem apoiado na economia do prazer e desprazer e legitimado pela racionalidade técnica, científica e econômica. Em vista disso, colocou no degredo outras dimensões integrantes da vida humana: a subjetividade, os limites simbólicos das relações de afeto e respeito, o imaginário cultural-religioso com seus mitos fundantes e costumes. Tudo isso se revela mais prejudicial que benéfico; como algo para além do triunfo do prazer, pois a crise ambiental, como ressalta Leff (2001), tem sido também uma crise da identidade humana em razão da descaracterização do seu *Eu*. Destarte, a ideologia do desenvolvimento e da produção, muito bem estruturada no *Supereu*, gerou um processo de racionalização que deformou o *Eu* conforme explícito em “O Mal-estar na civilização” (Freud, 1930/2011). Nesse contexto, a atual crise ambiental que se faz presente no século XXI é reflexo da busca pelo prazer e pela conexão entre a pulsão de morte e o *Supereu*, cujo resultado tem sido o impacto ambiental com reflexos no próprio indivíduo.

Como a pulsão de morte e a pulsão de vida não são instâncias isoladas, mas fusionadas (Laplanche & Pontalis, 2001), o atual contexto tem provocado a mobilização de muitas pessoas

em prol da natureza e o questionamento acerca dos limites no processo de exploração dos recursos naturais. Mesmo assim, a ação humana sobre a natureza tem sido cada vez mais tirânica e legitimada pela racionalidade técnica e econômica. Soma-se a isso a maquinação de uma falsa e ardilosa estruturação do *Eu* “como autônomo, unitário, bem demarcado de tudo o mais” (Freud, 1930/2011, p. 9). Trata-se da ação humana apegada aos interesses econômicos e responsável pelo corrompimento de povos e culturas, cuja pulsão tem sido para a morte.

E assim tem sido a relação do *Eu* com a natureza: de constante confronto e sujeição dos recursos naturais ao seu ideal de prazer, culminando assim na formação de “um puro *Eu*-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador fora” (Freud, 1930/2011, p.10). Essa relação também é pautada na demolição das relações simbólicas de limite que povos indígenas, populações ribeirinhas, comunidades quilombolas e demais culturas mantêm há séculos com a natureza e tem sido gradativamente destruídas pela racionalidade moderna, legitimando um processo devastador da vida em toda a sua dimensão; e isto ocorre porque muitas sensações de desprazer legitimadas pelos discursos predominantes não se resolvem com procedimentos de intervenção no mundo externo, mas interno, pautados na amplitude das referências e identificações, evitando, assim, as repetições de ações que levam à morte e preservando o *Eu* enquanto parte integrante do mundo e em constante ressignificação a partir de sua experiência com o mundo.

A atual crise ambiental tem como uma de suas raízes a extração de recursos e sua transformação em produtos direcionados a resolver o descontentamento do *Eu* dentro de uma estrutura onde nada é o bastante ao ponto de resolver o vazio causado pela frustração e a culpa de não se alcançar modelos ideais de vida e cultura.

De fato, o progresso tecnológico e científico tem seu mérito na sociedade; afinal não estamos dispostos a esfregar um graveto no outro para obter fogo, muito menos apelar para a magia ou realizar oferendas para a obtenção da cura de um câncer. Todavia, o que estamos trazendo ao bojo do presente texto é a discussão a respeito da continuidade de uma arquitetura elaborada a partir da rogação da pulsão de morte, que pode levar a raça humana ao retorno do inanimado. A experiência do discurso do prazer tem gerado um preço alto, que já começamos a pagar e se revela, na contemporaneidade, estéril e carregada de desventuras e catástrofes. Mais ainda, o paradigma do mundo atual se apoia na canalização dos desejos internos a objetos que tendem a construir indivíduos socialmente encaixados em categorias de trabalho, cultura, sexualidade e demais relações submetidas a uma lógica econômica e consumista, que alimenta um modelo narcísico de vida artificial e inalcançável em virtude de seu ciclo repetitivo, além da convergência das pulsões de vida em pulsões destrutivas e sem limites dirigidas contra a natureza. A maneira como o *Eu* se



relaciona com seu meio ambiente é de transferência de seus desejos para a ordem do econômico tendo a natureza como fonte desses recursos.

O *Eu* encontra-se envolvido em formas repetitivas de exploração da natureza e alimentadas pela pulsão de morte, que viola qualquer lei simbólica que proíba a relação espúria e nutrida pela busca do gozo ideal defendido pelo *Supereu*. Exemplos disso são as repetitivas catástrofes ambientais e a continuidade do uso dos mesmos meios de produção; e, mesmo fazendo uso do discurso ambiental, objetivam uma economia de mercado em torno do lucro sem interrupção, sem levar em conta, ao menos, uma reformulação dos modos de produção.

Cabe destacar que a sociedade moderna se estruturou sob a concordância de um narcisismo banhado pela pulsão de morte. Assim, o narcisismo do *Eu* está ligado à questão ambiental em razão da incessante busca de satisfação prazerosa, alcançada por meio da extração de recursos para solucionar o vazio engendrado pela própria modernidade. A tentativa de autopreservação por meio da capitalização da vida, da cultura e da natureza apenas gera um ciclo repetitivo, viciante e agravador dos problemas ambientais.

O narcisismo se expande para a relação com o mundo externo, com intenção de autopreservação do *Eu*, tendo como fim a satisfação prazerosa e a absorção da libido investida no objeto. Todavia, no contexto de uma sociedade que tem como lei o progresso infundável, funda-se a necessidade para objetos e bens de serviço que apenas agravam no *Eu* os sintomas de solidão, desamparo, ansiedade, depressão, dependência e culto ao inalcançável, frustrante e repetitivo (Lasch, 1983).

Com isso, é possível constatar que o *Eu* é governado por desejos e pulsões que influenciam sua vida e determinam sua vontade, sem que ele mesmo, em muitas situações, tenha conhecimento momentâneo dessas determinações. Todavia, elas foram, outrora, introjetadas na forma de regras de conduta, comportamentos morais e hábitos de vida, que atualmente não podemos dizer se correspondem a um princípio de prazer, em razão da dependência causada. É importante reafirmar que há uma força maior para “além do princípio de prazer”, a pulsão de morte, pautada na repetição dos atos e legitimada pelo *Supereu*, assim, impedindo a transformação do *Eu* e o conduzindo gradativamente ao estado inanimado (Freud, 1920/1996). Trata-se de uma experiência desprazerosa, mas tornada como basilar para o sistema, pois sua mudança acarretaria num desmoronamento da sociedade e da própria estrutura psíquica do *Eu*. Assim, o *Eu* opta por suportar a carga do sistema, com seus meios de produção, de maneira desprazerosa, mas necessária para se evitar o desmoronamento de si mesmo e da sociedade. Portanto, continuar com o tradicional ciclo de ex-

ploração dos recursos naturais significa manter preservado um ideal de *Eu* inalcançável e patológico: científico, racional e tecnológico.

Mesmo diante do progresso, há uma insatisfação dos “homens”, mas maquiada pela ilusão da racionalidade civilizacional e das conquistas técnicas, científicas e mercadológicas. Portanto, no cenário de crise ambiental, o *Eu* é condicionado pela economia do prazer e desprazer, mas também por um ciclo repetitivo permeado pelo *Supereu*, com suas interdições encarnadas em leis e ideais incisivamente determinantes e que proíbe qualquer transgressão (Freud, 1923/1996). Contudo, não podemos deixar de reconhecer que as atitudes em busca do prazer são também decisivas em situações quando o desejo é mais forte que o discurso racional (Garcia-Roza, 2001). A partir dessa análise, temos uma consciência à mercê de forças psíquicas deliberativas e, ao mesmo tempo, pulsionais, ora conflitantes, ora acordadas.

Como dito antes, a relação do *Eu* com o planeta tem se mostrado agressiva, e essa ideia nos remete à conversa estabelecida entre Freud e Einstein sobre a guerra em 1933. Em síntese, esse diálogo foi resultante de um pedido do Instituto para Cooperação Intelectual, criado pela Liga das Nações, a Einstein, para que escolhesse alguém para tratar das razões da guerra. Einstein, então, escolheu Freud e ambos pensaram sobre os meios de eliminá-la, com foco na manutenção da sociedade civilizada. Além de pontos políticos tratados nesse diálogo, como a renúncia da soberania em favor da paz e da segurança mundial, Freud adentrou a esfera da subjetividade. Nesse sentido, um dos aspectos mencionados por Freud (1933/1976) foi a mudança do termo “poder” pelo de “violência”, mostrando que os campos das leis e da violência estão muito entrelaçados na forma como atuam; mais ainda, que as leis responsáveis pela sociedade moderna são resultantes de um processo de passagem de uma forma rudimentar de violência para outra, sofisticada (Freud, 1933). Nesse sentido, o conjunto de leis que adentram todos os âmbitos da vida humana seria a continuidade da agressividade, mas, por outra via, numa nova roupagem para frear a relação de destruição do *Eu* quando essa se revelar economicamente prejudicial à sociedade, ou para legitimar essa mesma relação quando essa se mostrar rentavelmente vantajosa. As afirmativas de Freud se aproximam do atual contexto de crise ambiental, quando as leis de exploração dos recursos naturais apenas são uma nova roupagem das manifestações violentas da racionalidade política, econômica, tecnológica e científica.

Todavia, em razão dos efeitos dessa violência com a natureza é que indagações sobre o sistema começaram a germinar no globo, e possibilidades de novas experiências poderão amenizar os violentos impactos resultantes das pulsões destinadas aos objetos externos, estabelecendo limites simbólicos alicerçados em novos hábitos relacionais diferenciados ao posto e legitimados

pela racionalidade. Além do mais, assim como na guerra, as nações teriam que abrir mão de sua soberania industrial em favor da preservação ambiental, questão cuja pertinência está longe de ser superada ainda hoje.

A sociedade moderna instaurou uma forma de violência sob a máscara do desenvolvimento inquestionável pela humanidade, a não ser quando as implicações dessa violência foram se manifestando generalizadamente. Ainda há uma confiança excessiva na sociedade moderna para a resolução de todas as inquietações humanas. A crise ambiental é o efeito desse demasiado sentimento de confiança desligado da ética e dos limites simbólicos fundamentais para a amenização da ação humana no planeta. Como disse Freud (1930/2011), a sociedade moderna trouxe ganhos, mas houve também perdas, principalmente quando foi se idealizando um modelo definitivo que resolveria todos os problemas.

### **Considerações finais**

A atual crise ambiental tem suas raízes na forma como a sociedade moderna se estruturou principalmente a partir da Revolução Industrial. Ela se liga às experiências no âmbito do social, do político, do econômico, do cultural e do psíquico. Então, há uma complexidade de fatores, em que a psicanálise vem a somar-se com os demais saberes ambientais.

O problema ambiental ganhou uma dimensão mundial, pois muitos cientistas, políticos, ambientalistas, técnicos, órgãos, entidades sociais e religiosas constataram que a Terra encontra-se num acelerado processo de degradação em função do modelo socioeconômico adotado, e que agora, com o mundo globalizado, alcançou seu ápice.

Vivenciamos um momento marcado por uma nova consciência amarrada à responsabilidade humana de cuidar da Terra. A consciência ambiental convida o ser humano, em sua morada comum, a uma posição de membro e não de dono. Essa consciência, numa perspectiva sociológica, filosófica, política, teológica, ambiental e psíquica vem dizer que o ser humano, enquanto ser pensante, não tem o direito de se colocar acima de tudo e de todos a ponto de apoderar-se da natureza como mercadoria da qual se dispõe a seu prazer.

Não obstante, na perspectiva psicanalítica, o acelerado processo de degradação ambiental é também reflexo de uma relação de busca pelo prazer mediada pelas leis do consumo, da moda, dos padrões de comportamento, do bem-estar, mesmo gerando ideais de vida inalcançáveis e sintomas psíquicos e físicos como a angústia, o estresse, a depressão, a ansiedade e doenças físicas.

A consciência ambiental no planeta ainda tem se mostrado frágil em relação à vida social, cultural, política e econômica das diversas sociedades. Com exceção de grupos, entidades e movimentos sociais que se organizam no intuito de garantir a sobrevivência do planeta, essa consciência se manifesta de maneira sólida e vívida, provavelmente em virtude da experiência realizada com a terra, a água, a mata, os animais e tudo que gira em torno da vida.

Fica claro que a instância do *Eu* busca a satisfação por meio da identificação de um modelo de sociedade adocedora. Uma vez que a pulsão de morte é também destinada para fora com foco nos recursos naturais, há, de fato, um movimento humano no sentido de eliminar o desprazer interno por meio da obtenção de objetos culminando numa pseudo-experiência de satisfação, mas que é fugaz, alienante, ilusória e volátil.

Assim, quanto mais o *Eu* se volta predominantemente para a obtenção de objetos externos para se preservar, mais se acelera o processo de degradação do planeta. Destarte, uma vez que esse *Eu* não experienciou outras maneiras de lidar com suas questões psíquicas, temos então uma sociedade que é a garantia de sua “preservação” e conservação contra qualquer discurso capaz de desencadear uma mudança nessa relação com o mundo externo ou de proporcionar um mínimo de desconforto e indignação. Não obstante, é também geradora de um mal-estar psíquico ligado à dependência aos arcaicos modos de produção econômico, à desumana força de trabalho, ao avassalador mercado e aos padrões de vida exigidos pela ideologia neoliberal.

O desejo do *Eu* de tornar-se civilizado acarretou a troca de outras possibilidades de relacionamento com o planeta por uma que lhe garantisse uma pseudosseguurança frente às inquietações ligadas a si mesmo, ao outro e ao mundo. Especificamente na relação do *Eu* com o mundo externo, a humanidade se depara com os reflexos resultantes da degradação ambiental.

Mesmo alcançando um grau de satisfação por meio da dominação e conseqüente exploração da natureza, há uma insatisfação somada à culpa pelas catástrofes no planeta. Todavia, a estrutura da sociedade é preservada para que as pessoas não se matem ou não morram pelo fato de não darem conta de suas dores, suas angústias e desejos, mas tomadas por mal-estar.

É possível encontrar, por meio dos estudos de Freud, as origens da relação destrutiva do ser humano sobre a natureza, pois a forma como Freud compreende o *Eu* é de nuances de diversidade, desproporção, diferenças, mudanças e modificações, mostrando que não estamos tratando de dois espaços distintos: ser humano e planeta. Estamos de fato tratando da experiência individual e relacional entre o *Eu* e o mundo externo com as primordiais experiências que lhe conferem uma marca na individualidade com suas relações. Cada experiência é incisiva no psiquismo e ter-

mina repercutindo nas ações. Assim, caso a experiência primordial seja cerceada pelo confronto da modernidade com a natureza, ela será influente nas posteriores relações do *Eu* com o planeta.

A perspectiva psicanalítica permite uma abordagem acerca do sofrimento psíquico com seus sintomas, possibilitando reflexões e estudos sobre o narcisismo, a pulsão de morte, a experiência e até mesmo os tropeços e encalhes gerados pela política, a sociedade e a economia enquanto instrumento a somar-se a outras contribuições que objetivam uma nova ressignificação da relação entre humanidade e planeta. Ademais, possibilita a elaboração de um conhecimento envolvendo a subjetividade humana nas relações com o meio ambiente. O contexto ambiental nos coloca em questionamento sobre os limites simbólicos com a natureza, o sentido das experiências desde a infância, o repetitivo uso dos tradicionais meios de produção, da busca incessante de um ideal de prazer e para além do prazer. O olhar da psicanálise para a natureza ainda é uma empreitada arriscada, mas com importantes contribuições para o saber ambiental, pois envolve o estudo sobre a forma como os sintomas da relação *Eu* e mundo externo são tratados.

Podemos também constatar que há de fato desejos ligados a ideais jamais alcançados e uma empreitada econômica e técnica direcionada ao controle da natureza com foco no infundável desenvolvimento. Assim, o comportamento humano é reflexo da experiência narcísica vivenciada a partir da elaboração racional, técnica e científica da ação, com desígnio ao prazer, contudo direcionado por uma lógica de progresso superegoica que não permite novas experiências e saberes.

Posto isso, a consciência ambiental não se estrutura por meio de uma receita oficial de projetos, relatórios, estatísticas e noticiários de crises a serem seguidos. O reconhecimento da realidade exterior com todas as suas nuances ambientais não garante a realização do desejo de preservar a natureza, pois a percepção externa nunca oferece exatamente uma alternativa ao ciclo repetitivo da ação humana legitimado pelo *Supereu* num passado remoto. Isso mostra a divergência entre a experiência do passado, acolhida e defendida, em choque com novas experiências no presente, também sentidas, acolhidas e defendidas, mas por poucos grupos, movimentos e pessoas tomados por um mal-estar.

## REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2003). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1895/1996). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 335-468). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1900/1996). *A interpretação dos sonhos*. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 4, pp. 13-363). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905/2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária da histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)* (pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1911/1996). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 233-244). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 77-113). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1996). O inconsciente. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 165-222). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/1996). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 13-75). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1921/2011). Psicologia das massas e análise do *Eu*. In S. Freud. *Obras completas, volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)* (pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1923/1996). O Ego e o Id. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930/2011). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1933/1996). Por que a guerra? In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 191-208). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1940/2018). *Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Garcia-Roza, L. A. (2001). *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gonçalves, A. F., Reis, F. F.; & Souza, L. P. (2017). Acordo de Paris: reflexões e desafios para o regime internacional de mudanças climáticas. *Veredas do Direito*, 14(29), 81-99. <http://orcid.org/0000-0001-5870-3305>

- Laplanche, J; & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Leff, E. (2001a). *Epistemologia Ambiental*. São Paulo: Cortez.
- Leff, E. (2001b). *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes.
- Leff, E. (2003). *A complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez.
- Leff, E. (2009). *Ecologia, Capital e Cultura: a territorialização da racionalidade ambiental*. Petrópolis: Vozes.

---

### **Sobre os autores**

<sup>1</sup>Fábio Adriano de Queiroz | fabiofaq@hotmail.com | Historiador (2002) e graduado em Psicologia (2021) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Mestre em Ciências da Religião (2010) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Atua como psicólogo clínico e como coordenador e professor da área de Ensino Religioso do Colégio Santa Marcelina-BH.

<sup>2</sup>Manoel Deusdedit Júnior | manoeldj@sga.pucminas.br | Graduação em Psicologia (1996) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Engenharia de Produção (2000) e doutor em Psicologia (2014) também pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

**Recebido em:** 12/02/2021

**Aceito em:** 10/05/2021